

## **FOI-SE O MALDADE. E O MAL?**

**Paulo Timm – Especial para A FOLHA, Torres maio 31**

***"O precipício entre vocês e a humanidade pode crescer tanto que ao grito alegre de vocês, grito de quem descobriu alguma coisa nova, responda um grito universal de horror".***

***Bertold Brecht in Vida de Galileu***

***"A crise do combustível é a comprovação prática dos males do pensamento monotemático na economia, temperado com uma dose excessiva (por isso suspeita) de ideologismo, do qual o presidente da Petrobras Pedro Parente tornou-se o caso mais simbólico."***

**Luis Nassif – CGN 27 maio 2018**

\*

O título acima remete, meio enviesado, à uma citação de Goethe. Trata de persistência do mal entre-nós. Outro escritor, Vassili Grossman, russo, em seu grande romance da sociedade soviética na época de II Guerra, registra que não existe, em verdade, uma luta do bem contra o mal, mas sim, a luta de um gigantesco mal contra um minúsculo bem. Mas adverte entre as páginas 430 e 433 de "Vida e Destino": "A bondade é forte enquanto é impotente e na impotência da bondade insana está o segredo da sua (do homem) imortalidade." Não obstante, a maldade é parte da vida, reflexo de Deus, uma incógnita, envolta de confusões, mistérios e grande complexidade. A marca de Caim. O verdadeiro pecado original. Está em todo lugar, em todos os tempos, muito embora, em alguns momentos mais do que em outros. Aliás, outra autora, Hanna Arendt, judia, estremeceu Israel, ao acompanhar o julgamento de um carrasco nazista, A.Eichman, afirmando que ele era "normal", um grão de uma engrenagem muito maior, à qual obedecia e que poderia ser o vizinho ao lado, cuidadoso pai de família, funcionário exemplar, daí retirando sua tese sobre a banalidade do mal. Ela desmistifica essa história de "desumanidade" como algo externo a nós mesmo, produto de uma hedionda bestialidade, "bárbara". Aliás, esta ideia vem de longe. Desde os gregos, matriz da cultura ocidental, eles faziam uma distinção entre eles, helênicos, "civilizados", e os bárbaros que viviam além fronteiras e que não falavam grego. A modernidade europeia partiu desta noção para fundar um novo otimismo, iluminista, entre os séculos XVI e XIX, plasmado sobre os primados da razão e da liberdade para afirmar uma crença cega na evolução social, dando a este processo o vago nome de humanismo. Todos os que não falam esta nova língua são considerados também bárbaros. Não obstante, como diria Paulinho da Viola, não são os humanos que habitam o barbarismo, é o barbarismo que nos habita no seio de uma sociedade cada vez mais tecnológica.

Insisto nisso porque há já algum tempo vivemos nesta e desta cultura e fomos nos acostumando à ideia de que tudo o que contesta a normalidade é obtuso, anormal, fruto da ignorância. Quando irrompe subitamente uma paralisação como a dos caminhoneiros, ficamos perplexos. Não sabemos direito o que pensar. O mundo, porém, é caótico e só dentro de poucos espaços conseguimos impor-lhe uma "ordem", sempre sujeita à solavancos. "Viver é muito perigoso", justamente por causa disso. Estamos sempre à mercê de causalidades incompreensíveis, sincronicidades imperceptíveis, acasos fortuitos. A coragem consiste, precisamente, em não esmorecer diante destas encruzilhadas, mas assumi-las. Diante delas, nem chorar nem sorrir: Compreender. Mas como fazê-lo se não exercitamos a consciência crítica.

Uma das características das sociedades tecnológicas modernas, advertida já em meados do século passado por um autor, então no auge de seu prestígio universitário, Herbert Marcuse, autor de "O homem unidimensional", é a indiferença. Ela acaba antecipando uma estranha sensação de vazio existencial que desemboca na depressão. O ritmo da vida seria, cada vez mais, determinado, não por ações heróicas, mas pela lógica fria da ciência e da tecnologia com vistas à eficiência. Tempos sombrios. O fantasma nuclear, com sua ameaça de destruição da humanidade, sublinha a passividade generalizada que exige dos homens públicos cada vez mais habilidade e menos ousadia. Este comportamento marca o fim da "Era das Revoluções", última das quais a cubana, em 1959 e que teve no maio de 1958, em Paris, seu último suspiro romântico. Desde então, vivemos sob os ditames da sociedade industrial que chegou a inspirar a ideia do "Fim da História". Não obstante, apesar das aparências, inúmeras contradições aninhavam-se no seu interior. As águas calmas, diz o provérbio popular, são as mais perigosas, pois escondem as fortes correntes que se movem abaixo delas. Em 2001 veio o atentado às Torres Gêmeas de Nova York e estas correntes vieram à tona com violência inusitada. Desde aí, os tornados políticos têm surpreendido a proclamada indiferença reinante, movendo, ao longo do planeta, multidões que retomam, impetuosas, o ritmo da História derrubando os mais sólidos regimes e governos. A Primavera Árabe foi a mais impactante ao derrubar o poderoso líder do Egito, General Mubarak. Mas temos visto, também, explosões na Ucrânia, na Romênia e até no Brasil, no famoso junho de 2013, ante-sala da crise que derrubou o longo ciclo petista. É a História que retoma, com o ímpeto de valorações éticas, sua soberania sobre a mera técnica. A característica destes movimentos, porém, os distingue daqueles da Era das Revoluções. Eles não respondem à um objetivo claro de mudança de regime sob a égide de um Partido ou vanguarda "de classe" imbuída de uma ideologia transformadora. São movimentos que se organizam rapidamente, estimulados pelas redes sociais, sem direção nuclear, com forte dominância voluntarista. Impressionam, sacodem estruturas superficiais, mas não deitam grandes raízes. Não obstante, *eppure si muove...*, disse, entredentes, Galileu, depois de negar na Inquisição suas teses.

Assim, neste contexto, se deve situar a paralisação dos caminhoneiros que ocorreu no Brasil a partir de 21 de maio passado, indagando, sobretudo **quem foram os responsáveis civis** – queda de um ponto na estimativa do PIB para 2018 - , **políticos** – Presidente da República e Presidente da PETROBRÁS pelo sua idolatria ao Mercado que ditou a máxima de que o que era melhor para a estatal era bom para o Brasil – e **criminais, neste processo?** Foi-se a greve, enfim, mas será que aliminamos o mal que a engendrou?

